

MÚSICA

Cantora carioca e multi-instrumentista cearense mandam para as plataformas digitais álbum dedicado ao cantor baiano. Nove faixas do novo disco têm o piano como fio condutor

DELIA FISCHER E RICARDO BACELAR

“ANDANDO COM GIL”

Augusto Pio

Com o objetivo de homenagear Gilberto Gil, a cantora, compositora e pianista carioca Delia Fischer e o cantor e multi-instrumentista cearense Ricardo Bacelar lançam nas plataformas digitais o álbum “Andando com Gil” (Jasmin Music). Produzido pelos dois, o disco traz nove músicas compostas pelo artista baiano, que participa nos vocais na faixa “Prece”, ao lado do violoncelista carioca Jaques Morelenbaum.

O repertório traz sucessos como “Palco”, “A paz”, “Aqui e agora”, “Se eu quiser falar com Deus”, “Cada tempo em seu lugar” e “Andar com fé”. “Oriente”, “São João Xangô menino” e “Prece” completam a lista.

Delia conta que o álbum é fruto do convívio intenso que ela e Bacelar, ex-integrante do grupo Hanoi-Hanoi, tiveram em estúdio. “Primeiramente, gravamos juntos as vozes e piano ao vivo, nas faixas ‘A paz’, ‘Oriente’ e ‘Aqui e agora’ para capturar a emoção e o clima intimista das canções. A versão de ‘Palco’ também aconteceu com muita naturalidade”, garante a cantora.

Delia lembra que ela e Bacelar já haviam feito algumas colaborações pontuais, mas só agora decidiram lançar um álbum, totalmente concebido e gravado pelos dois. “Ficamos muito tempo pensando como seria o nosso primeiro trabalho. Tivemos a ideia de fazer uma releitura e o Gilberto Gil foi a primeira pessoa que pensamos. A escolha pelo recorte da espiritualidade foi muito feliz, porque privilegia o lado sensível e poético do compositor. É um disco sutil, no qual tocamos piano, teclado, instrumentos de percussão exóticos, tudo de forma minimalista”, revela Bacelar.

ARRANJOS A pianista conta que foi uma decisão dos dois, tanto o recorte da espiritualidade, quanto a questão do piano, instrumento que ambos têm em comum. “Co-



Ricardo Bacelar, Delia Fischer e Gilberto Gil durante gravação de “Prece”: “é a canção mais icônica e talvez a menos conhecida do álbum”, diz a pianista

mo de Gil é um excelente violonista, quisemos criar novos arranjos a partir do piano que é o fio condutor de todo o álbum. Ricardo, que toca diversos instrumentos, trouxe ainda vários outros de percussão, além de teclados e cordas”. Ela lembra que o músico baiano, que comemorou 80 anos no ano passado, elogiou o título do álbum. “Gil adorou a história da espiritualidade e a escolha do repertório.”

Delia conta que o projeto começou com um desejo de Bacelar. “Somos amigos há muitas décadas e ele sempre me convidava para fazermos algo junto, mas dessa vez Ricardo foi mais tranquilo, porque ele construiu um baita estúdio lá em Fortaleza, o que facilitou bastante as coisas. Perguntava a ele: ‘Vamos fazer o quê?’ Aí, ouvi o álbum dele, ‘Congênito’, e vi que havia homenageado Caetano e Gil, entre outros nomes da MPB.”

A princípio, a ideia era home-

nagear a “galera oitontona” de 2022 – Gilberto Gil, Caetano Veloso e Milton Nascimento –, mas o tributo geral foi descartado e a escolha pelo compositor de “Palco” foi movida a um desafio. “Todos são maravilhosos. Para o Milton, já fiz um musical, já arranjei e já escrevi, porém o Gil se tornou um desafio, porque ele também é um baita instrumentista”, explicou Delia. “Então, decidimos tocar somente músicas do Gil e somente no piano.”

TEMPERO INDIANO Segundo a cantora, no novo álbum é trabalhado muito em cima do piano, o que é um desafio trazer a obra do Gil para esse tipo de instrumento que também é considerado de percussão. “É um disco minimalista, focado nas vozes, no piano e com poucos elementos, uma percussão aqui, outra acolá. A gente toca piano nas gravações e Ricardo usa algumas coisas de teclados, é

tudo muito pontual. Somente a faixa ‘Oriente’, que já saiu como segundo single, é que tem umas coisas indianas que achei que combinava com esse ambiente. E o Ricardo trouxe o citar, o harmônio (órgão de fole), enfim, uma série de instrumentos para dar esse tempero indiano para a música.”

Delia explica que a escolha de repertório teve a ver com o que eles queriam falar no momento. “Diria que é uma obra do Gil, da letra dele. Na mensagem de Gil da paz, do amor, da amizade e da reflexão. Antes de tudo, ele é um filósofo também. Além de ser um instrumentista notável, é o letrista mais impressionante que a gente tem. Fomos pelo caminho das canções ‘A paz’, ‘Aqui e agora’, de músicas que fazem ficarmos mais com a gente e menos na briga, menos na raiva, menos na paitação, mais no autoconhecimento e mais na meditação, que é uma

“

A escolha pelo recorte da espiritualidade foi muito feliz, porque privilegia o lado sensível e poético do compositor (Gilberto Gil). É um disco sutil, no qual tocamos piano, teclado, instrumentos de percussão exóticos, tudo de forma minimalista”

■ Ricardo Bacelar, cantor e multi-instrumentista

Diria que é uma obra do Gil, da letra dele. Na mensagem de Gil da paz, do amor, da amizade e da reflexão. Antes de tudo, ele é um filósofo também. Além de ser um instrumentista notável, é o letrista mais impressionante que a gente tem”

■ Delia Fischer, pianista e cantora

coisa que tenho praticado ao longo dessa correria toda e não entrar em paixões cegas, que nos façam pior.”

Delia e Bacelar sabem que é uma missão “quase que impossível” conseguirem trazer essa paz para todo mundo, mas, segundo a artista, “fazemos o que está ao nosso alcance”.

O disco começou a ser feito no primeiro semestre do ano passado, sem pressa. “Podemos nos dar



“ANDAR COM GIL”

- Disco de Delia Fischer e Ricardo Bacelar
- Jasmin Music
- Disponível nas plataformas digitais

ao luxo de gravarmos piano e vozes, já valendo o primeiro take”, detalha Delia. Sobre a participação de Gil, ela lembra: “A resposta da equipe dele dizia que o Gil estava sem tempo. Então, dissemos: ‘Vamos esperá-lo’. Na hora em que ele puder, a gente estará disponível”.

PRESENTE ESPECIAL A pianista lembra que a escolha das músicas e o encantamento com uma delas. “Quando chegamos em ‘Prece’, ficou muito claro que é a canção mais icônica e talvez a menos conhecida do álbum. Isso, porque esse é um disco todo de clássicos dos anos 1970 e 1980. ‘Prece’ foi lançada em 2018, quando já é um Gil com maturidade e que havia tido problemas de saúde e que hoje está vendo a vida em um plano muito diferente.”

Delia e Bacelar, então, aceitaram o convite para gravar “Prece” com Delia e Bacelar. “Ricardo veio para o Rio de Janeiro, a gente gravou no estúdio do próprio Gil e tivemos a participação do Jaques Morelenbaum, no mesmo dia também. Isso foi um presente de fim de ano para mim. Gil foi ficando feliz e contente e percebemos que ele estava curtindo o homenagem e, naturalmente, a faixa. Ele mesmo nem lembrava tão bem da canção, certamente não é uma música que ele faça nos shows, pois é muito introspectiva. Então, foi muito especial para nós.”

SIMPÓSIO

Jornalismo musical e seus desafios na mesa de debates em BH

MATHEUS HERMÓGENES*

Nascido da necessidade de expandir o debate em torno do jornalismo musical e seu processo de precarização para além dos muros da universidade, acontece nesta semana, em Belo Horizonte, o Corrente: 1º Simpósio de Jornalismo Musical do país. Idealizado pelo jornalista Marcelo Santiago, que também é curador do evento, o simpósio reúne nomes do universo prático e científico deste ramo jornalístico.

Pesquisador e produtor cultural, Marcelo sentia falta de conversar sobre o assunto de forma mais leve, enxergando no evento um caminho natural para se debater as transformações que vêm ocorrendo no mercado e no jornalismo cultural.

“O tipo de evento que eu via no ambiente acadêmico, achava muito careta. Tudo muito formal, feito para quem está dentro da própria academia. Eu fiquei pensando que seria legal trazer um tipo de discussão que está dentro da faculdade para um público mais amplo”, conta Santiago.

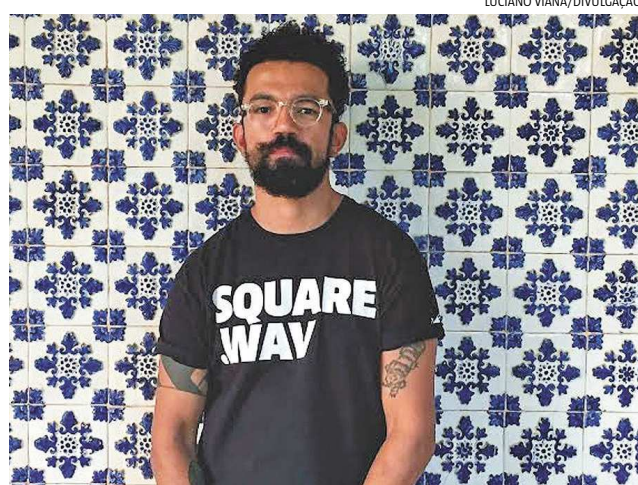
O conceito buscado pelo curador, portanto, é refletido pela

programação do evento. Com rodas de conversa e apresentação de artigos, os três dias de atividades englobam nomes de dentro e de fora do estado.

Nesta quarta-feira (1º de fevereiro), o pernambucano GG Albuquerque, responsável pelo destacado projeto Volume Morto, participa de conversa com Bruna Vilela, que antes apresenta artigo ao lado de Rafael Andrade e Adreana Oliveira. Além deste bate-papo, Rodrigo Corrêa conversa com Nina Rocha, e Camilo Rocha conversa com Dora Guerra, criadora da newsletter Semibreve.

PLURALIDADE O segundo dia, nesta quinta-feira (2/2), Marcelo Santiago, Isabela Rosa e Olga Costa apresentam suas pesquisas, enquanto o paulista Guilherme Lúcio, especialista em funk, que lançou recentemente o documentário “Mortos em abril”, sobre assassinatos dos MCs da Baixada Santista, dialoga com Natacha Vassou.

Também no segundo dia, Kamille Viola, jornalista, pesquisadora musical e autora do livro “África Brasil: Um dia Jorge Ben voou para toda a gente ver”, finalista do Prêmio Jabuti em 2021,



Marcelo Santiago, idealizador e curador do Corrente, afirma que é “importante trazer um tipo de discussão que está dentro da faculdade para um público mais amplo”

conversa com Danielle Pinto e Chris Fuscaldo com Julianna Sá.

“Uma coisa que sempre me incomodou muito, é que quando um jornalista se destaca mais na música e você vai ver a lista de melhores do ano, é muito concentrado em homens brancos de meia idade, de São Paulo. São os jornalistas musicais e culturais

que se destacam. Quando eu comecei a curadoria, uma coisa que eu pensei era isso: trazer nomes diferentes e a pluralidade que tem o próprio jornalismo cultural, porque é claro que têm pessoas diversas, de raças diferentes, muitas mulheres escrevendo, mas elas, às vezes, não têm destaque, porque as pessoas estão

sempre colocando aqueles caras ali em tudo”, conta Santiago.

SHOWS A pluralidade do simpósio também está presente na festa de encerramento. Marcelo Santiago convidou três artistas para se apresentarem no último dia, sexta-feira (3/2). De Contagem, radicada em Viçosa, Gabriela Viegas prepara o lançamento de seu novo EP; o grupo Ruadois, que, para ele, é o próximo nome do rap a estourar em BH, na sequência de Djonga, FBC e Sidoka.

“É uma nova leva do rap, uma turma muito jovem, que não é aquele trap pra trás, é uma música acelerada, misturada com música eletrônica. Eles estão fragmentados na região metropolitana: um é de Nova Lima, o outro é de Brumadinho, um dos djs é de ascendência indígena, a outra é uma preta da periferia. É uma banda super plural, super engajada. São incríveis”, comenta.

Abertura da noite fica por conta da banda experimental paulista Deafkids, que se apresenta em BH após alguns anos e em seguida sai em turnê internacional para alguns festivais na Europa. Santiago considera ser uma oportunidade de misturar esses três artistas de estilos diferentes na programação de encerramento.

CORRENTEZA Já pensando na próxima edição, ele revela o projeto de realizar ações menores, ao longo do ano, no mesmo estilo do Corrente, mas chamadas Correnteza, conectando a primeira à segunda edição do simpósio.

* Estagiário sob a supervisão da subeditora Tetê Monteiro